

40

Revista Portuguesa de História

Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra
Instituto de História Económica e Social
Coimbra 08/09

O Cristianismo

FREI BENTO DOMINGUES
o.p.

(...) No Ocidente não se levantou outro modelo cultural (e, mais além do cultural, um modelo existencial) mais profundo e mais radical do que o modelo de Cristo.

(...) Creio que é Cristo histórico propriamente dito, a historicidade de Cristo exemplar que continua funcionando como modelo, se há algum modelo. Se há algum modelo – é esse.

Eduardo Lourenço¹

1. No começo do terceiro milénio, lançando o olhar para o passado, podemos observar o lugar imenso – o adjectivo não é excessivo – que o Cristianismo

¹ *Como se Deus não existisse*, in *Reflexão Cristã* 42 (Dez.84/Jan.85) pp. 46-47; Cf. tb. Frédéric Lenoir, *Cristo filósofo*, Lisboa, Caleidoscópio, 2008, cap. VII, *O que resta de cristãos em nós?*: «Se o futuro da religião cristã já não se situa, portanto, na Europa, em que é que se terá tornado o Cristianismo para nós ocidentais, no termo deste longo percurso histórico, cujas grandes articulações tentei resumir aqui? (...) Um Cristianismo “invisível”, enfim: o Cristianismo dos valores que norteiam a nossa modernidade e a moral laica e que ainda se encontram impregnados da matriz da qual são oriundos», p.196. Ver a impiedosa crítica que R. Debray faz a essa obra em *Le Monde des Religions*, Mars-Avril 2009 (*Après le Christ, Mammon?*) e a réplica de Frédéric Lenoir, na mesma Revista.

ocupou na História e mantém no presente. Basta pensar, como diz Jean Delumeau, na cobertura mediática das viagens mundiais dos Papas. O presidente dos EUA, quando entra em funções, continua a prestar juramento sobre a Bíblia. A religião cristã constitui, em relação ao passado, um “objecto” incontornável para os historiadores e é, no presente, tema de inumeráveis estudos sociológicos e teológicos, num horizonte de futuro. Percorrendo a bibliografia mais recente, dir-se-ia que está polarizado pelos seus *começos* – como é que o nosso mundo se tornou cristão? –, pela sua *crise* actual – como é que enfrenta o mundo moderno e pós-moderno? – e, mediante a sua *renovação* – sonhando com a união de todos os cristianismos, nas suas diferenças –, qual o seu contributo original para a configuração do futuro de toda a humanidade una e plural? É, portanto, um facto de civilização sobre o qual nunca estaremos suficientemente bem informados.

Mesmo no nosso mundo ocidental laicizado e secularizado – que alguns chamam pós-cristão –, continuamos a encontrar o Cristianismo ao longo dos dias e dos anos². O nosso calendário é comandado pelas suas festas. A maior parte dos funerais ainda são religiosos. Os lugares cristãos de culto ocupam um espaço insigne no centro das cidades e aldeias. Os museus estão repletos de obras de arte que o Cristianismo inspirou. O canto gregoriano, as Paixões de Bach e o Messias de Haendel encontram-se em todas as discotecas, etc.

Sejam quais forem as convicções pessoais – a não ser que se viva cortado das suas raízes – não se pode ignorar um passado cristão, que foi extraordinariamente rico, e um presente religioso que continua a interrogar-nos. É uma fé que se manifestou e manifesta em liturgias, místicas, realizações artísticas e instituições caritativas. O Cristianismo é também uma doutrina que se desdobrou, ao longo dos séculos, em teologias diversas e até concorrentes entre si. Deu origem à “cristandade”, interpretada como a tradução política de um ideal religioso. Constitui, hoje, uma grande nebulosa de Igrejas que se estende da pirâmide católica à proliferação horizontal de grupos evangélicos³.

2. Na leitura das estatísticas sobre as religiões, temos de pressupor uma grande margem de incerteza. Grosso modo, calcula-se que o número actual

² Francolino J. Gonçalves, *Raízes judeo-cristãs da civilização Ocidental*, ISTA 19, 2006, pp. 5-45.

³ Cf. Jean Delumeau, in *Dictionnaire de l'Histoire du christianisme*, Paris, Encyclopaedia Universalis / Albin Michel, 2000, p.5; René Rémond, *Les grandes inventions du Christianisme*, Paris, Bayard, 1999; Francolino J. Gonçalves, *Raízes Judeo-cristãs da Civilização Ocidental*, ISTA 19, 2006, pp. 5-45..

de cristãos ronda os dois biliões, um terço da humanidade. O Cristianismo é considerado a maior expressão religiosa do globo.

Desde a Reforma, o Cristianismo apresenta-se com três grandes rostos: o *Catolicismo* – designação da Igreja Católica Apostólica Romana – ramo que congrega maior número de cristãos, superando um bilião; a *Ortodoxia*, como denominação independente, resulta do Grande Cisma (século XI); o *Protestantismo* (Reforma Protestante, século XVI) apresenta três grandes vertentes: as denominações Históricas (luteranos, presbiterianos, metodistas e baptistas); as denominações Pentecostais, nascidas sobretudo no começo do século XX, e as Neopentecostais, uma nebulosa da segunda metade do século XX, com diferentes graus de institucionalização.

Além destes ramos maioritários, existem outros segmentos do Cristianismo. São, por vezes, enquadrados, ainda que de forma muito inadequada, nas seguintes designações: o *Cristianismo Restauracionista*, surgido após a Reforma Protestante, embora a grande maioria não se considere propriamente “protestante” ou “evangélica” – dadas as grandes divergências teológicas –, tendo em comum, apenas, a crença em Jesus Cristo; o *Cristianismo Primitivo*, constituído pelas Igrejas cujas bases são anteriores ao estabelecimento do Catolicismo e da Ortodoxia como, por exemplo, as Igrejas não calcedonianas e a Igreja Assíria do Oriente (Nestoriana); o *Cristianismo esotérico*, nomeadamente, o gnosticismo e o rosacrucianismo; o *Espiritismo Cristão*: se bem que os simplesmente espíritas não acreditem que uma pessoa ou um ser, como Jesus Cristo, possa redimir os “pecados” de uma outra, para a maioria dos adeptos do espiritismo, a obra de Allan Kardec constitui uma nova forma do cristianismo e estes são chamados espíritas cristãos. Um dos seus livros de referência chama-se, precisamente, *Evangelho segundo o Espiritismo*, uma reinterpretação de aspectos da filosofia e da moral cristãs.

Esta classificação não é a única possível e está longe de incluir todos os grupos que se reclamam de Jesus Cristo ao longo de dois mil anos. Além disso, a história registou muitos outros que ficaram pelo caminho e que alguns designam como “cristianismos derrotados”⁴, objectos de renovada investigação noticiada, muitas vezes, por jornalistas incompetentes.

Segundo a edição de 2001 da *World Christian Encyclopedia*, existem 33 830 denominações cristãs. A distribuição, por continentes, é muito variada. Durante muito tempo, a Europa foi considerada o centro da cristandade. Agora, não reúne mais do que um quarto dos cristãos do planeta, isto é, 550 milhões.

⁴ Antonio Piñero, *Los Cristianismos derrotados*, Madrid, EDAF, 2007.

Destes, 280 milhões são católicos, perto de 100 milhões são protestantes e 150 milhões são ortodoxos, na maioria russos.

A imensa maioria dos crentes ligados a Cristo situa-se no chamado Novo Mundo: 275 milhões na América do Norte; 530 milhões na América Latina. São maioritariamente católicos, mas o protestantismo evangélico vive um crescimento espectacular desde há pouco mais de 30 anos e conta 65 milhões, apoiado numa fé considerada demonstrativa e fundamentalista por alguns críticos. Na África, os cristãos encontram-se, principalmente, na cintura equatorial. Na Ásia, estão massivamente implantados nas Filipinas, único país em que são maioritários, a 90%. A China, segundo alguns estudos, representa um forte potencial de desenvolvimento. Em sentido contrário, assiste-se a uma grande diminuição numérica dos cristãos do Próximo e do Médio Oriente, diminuição contínua, desde há séculos, mas acelerada sob a pressão do islamismo e da guerra no Iraque. Há quem preveja que, a médio prazo, o Cristianismo terá praticamente desaparecido da terra que o viu nascer.

Torna-se, por isso, inevitável perguntar, a nível local e global, como já referimos, quais são os seus desafios no presente e as possibilidades de futuro. Deixamos, por agora, essas interrogações em aberto.

3. A palavra “cristianismo” prolonga o título messiânico de Jesus, o “Cristo”, que se tornou o nome próprio desta pessoa e que o distingue de todas as outras⁵. Cristianismo não é uma designação bíblica, mas a de cristão está bem atestada no Novo Testamento e localizada: em Antioquia, na Síria, onde os primeiros discípulos de Jesus, de origem pagã, viviam ao lado de judeo-cristãos fugidos de Jerusalém (Act 11, 26). É possível que tenha sido, também aí, que a palavra “cristianismo”, uma palavra grega (*christianismos*, como *Christos*), surgiu contraposta à palavra “judaísmo”, para designar a doutrina e a prática da comunidade. Historicamente, está assinalada, pela primeira vez, por volta de 110, nas *Cartas* de Inácio, bispo desta grande metrópole síria, deportado

⁵ Messianismo refere-se na linguagem corrente a uma grande variedade de movimentos religiosos ou sociais e de correntes de pensamento. O seu sentido nem sempre é rigoroso. O substantivo messianismo formou-se a partir do adjectivo messiânico. Este, por sua vez, deriva de messias, que é a transliteração do hebraico *machiah* e do aramaico *mechiho*. De facto, o Antigo Testamento em grego e o Novo Testamento traduzem esses termos por *christos*. Messias e Cristo representam assim duas formas do mesmo termo hebraico/ aramaico. Messias é a sua transliteração, feita primeiro em grego e depois em latim, de onde passou para o português e as demais línguas. Cristo é a transliteração da sua tradução em grego. Embora derivem do mesmo termo semítico, messianismo e cristianismo tomaram sentidos diferentes (Francolino J. Gonçalves, *O messianismo no Antigo Testamento*, ISTA 14, 2002, p.47).

para Roma durante a perseguição que se desencadeou no tempo do imperador Trajano. Escreveu aos Magnésios no decurso da sua viagem: «Aprendamos, na sua escola [a de Cristo], a viver segundo o cristianismo». Isto indica que este bispo já diferenciava, nitidamente, o “cristianismo” do “judaísmo”: «Que absurdo ter nos lábios o nome de Jesus Cristo e viver como os judeus!». Em latim, o cristianismo começou por se designar *nomen christianum*⁶.

Como referimos, seja em que época for, o Cristianismo diz-se no plural. Ao longo de dois mil anos, foram muitas as formas que assumiu. Entre algumas, as diferenças não anulam os pontos de contacto. Daí, a possibilidade do movimento ecuménico das Igrejas, mesmo naquelas que, actualmente, o recusam. Além dos vários *Atlas* do Cristianismo, existem várias tentativas de acompanhar o devir do movimento cristão mundial⁷.

As interrogações acerca do passado resultam, muitas vezes, dos debates em torno das crises actuais do Cristianismo e, sobretudo, das inquietações acerca do seu futuro⁸.

4. No meio do devir de tantos Cristianismos, será possível falar da essência do Cristianismo, de algo a que nenhum pode renunciar sem perder o carácter cristão? Quando se fala de *essência do Cristianismo* não podemos desligá-la da história e da geografia. O próprio Jesus nasceu num lugar e, por outro lado, o tempo passou a contar-se antes e depois de Jesus Cristo. Daí, a justeza do título de uma obra famosa de Hans Küng já citada, título esse que já vinha do historiador Adolf von Harnack⁹ e, em sentido muito diferente, do filósofo Ludwig Feuerbach¹⁰.

⁶ Hans Küng, *O Cristianismo. Essência e História*, Lisboa, Círculo de Leitores, 2002, p. 31.

⁷ Cf., por exemplo, Dale T. Irvin / Scott W. Sunquist, *História do movimento cristão mundial*, 2 volumes, São Paulo, Paulus, 2004; Hans Küng, *o. cit.*; Alain Corbin (dir.), *Histoire du Christianisme*, Paris, Seuil, 2007; M. Pérez Fernández, *Historia del cristianismo*, Madrid, Trotta, 2003, além das numerosas histórias da Igreja.

⁸ Jean Delumeau, *Guetter l'aurore. Un christianisme pour demain*, Paris, Grasset, 2003; Christian Duquoc, *Cristianismo, memória para o futuro*, São Paulo, Loyola, 2005; Anselmo Borges (coord.), *Deus no século XXI e o futuro do cristianismo*, Porto, Campo das Letras, 2007; José Comblin, *Cristãos rumo ao século XXI*, São Paulo, Paulus, 1996; Émile Poulat, *Où va le Christianisme? À l'aube du III^e millénaire*, France, PLON/MAME, 1996; VV.AA., *Cristianismo em Crise?*, in *Concilium* 311 (2005/3).

⁹ Adolf von Harnack, *Das Wesen des Christentums*. Leipzig 1900 (última edição, 2007).

¹⁰ Ludwig Feuerbach, *L'essence du Christianisme*, Paris, François Maspero, 1968 (trad. francesa): «Demonstramos que o conteúdo e o objecto da religião é totalmente humano, que o mistério da teologia é a antropologia, o do ser divino, a essência humana. (...) Se a essência do homem é para ele a essência suprema, então praticamente, a lei suprema e primeira deve ser o

5. Quando nos referimos ao Cristianismo, colocamo-lo no mundo das religiões. Mas será o Cristianismo uma religião, como perguntava Bonhoeffer nas *Cartas de Prisão*? Para Eduardo Lourenço, a pura gratuidade é a essência mesma do Cristianismo. E acrescenta: «Na medida em que todas as grandes religiões são “visões do mundo”, o Cristianismo não é uma religião. As religiões são *respostas*, as mais subtis e sublimes que os homens foram capazes de imaginar para converter a necessidade e o destino, violência, mal, em existência salva, liberta, mas não pura abertura, abandono absoluto a uma vontade, a um apelo que não desenham a figura de um Poder e de uma Lei que se nos impõe do alto e de fora, por terem apenas o rosto infinitamente indecifrável e irredutível do Outro. O Cristianismo não é um processo de auto-iluminação, como o de Buda, que dissolve a aparência do mundo, ou o mundo como soma de aparências para assim pôr termo à cadeia de sofrimento que lhe é consubstancial, mas a revelação de um Deus carente e da sublimação dessa carência. (...) Tal é a exigência “religiosa” específica do Cristianismo, *crítica* radical do Poder pelo amor dos outros e, mais radicalmente, crítica de um Deus-Poder»¹¹.

Em qualquer caso, não se pode evitar a pergunta: qual é a relação do Cristianismo com as religiões não cristãs? As respostas serão diversas¹².

6. Quando se fala de universalismo cristão, não é, como por vezes se diz, para significar um imperialismo ou colonialismo cultural ou religioso, embora tal tenha acontecido muitas vezes, mas como desvio e perversão. Universalismo cristão significa, em primeiro lugar, que não é uma religião étnica. A abertura ao universal está inscrita no comportamento de Jesus de Nazaré – embora ele raramente tenha transposto as fronteiras da Palestina – por colocar sempre o centro da sua intervenção e mensagem na periferia e faz parte do caminho traçado e teorizado por S. Paulo, no primeiro século da era cristã. Significa capacidade de encarnação em qualquer povo ou cultura, a partir dos excluídos.

amor do homem pelo homem, Homo homini deus est – tal o princípio prático supremo – tal é a viragem da história mundial» (pp. 425-426).

¹¹ Eduardo Lourenço, *Religião – Religiões – Laicidade*, in *Europa e Cultura*, Lisboa, Gulbenkian, 1998, p. 73.

¹² Comissão Teológica Internacional, *O Cristianismo e as Religiões*, Gráfica de Coimbra, 1999; J. Ries, *Les chrétiens parmi les religions*, Paris, Désclée, 1987; J. Dupuis, *Jésus-Christ à la rencontre des religions*, Paris, 1988; Mariano Crociata (ed.), *Teologia delle religioni. Bilanci e prospettive*, Milão, Paoline, 2001.

Hoje, entende-se que a evangelização só pode ser inculturada e esta, no âmbito do diálogo inter-civilizacional, cultural e religioso¹³.

7. O confronto do Cristianismo com o mundo moderno seguiu caminhos diferentes nos Estados Unidos da América e na Europa: a secularização, a liberdade religiosa e a laicidade não se configuraram da mesma maneira, num e noutro lado do Atlântico. Nos EUA, não havia confronto com o *Antigo Regime Político* e resolveram, desde o começo e de forma bastante razoável, a questão da liberdade religiosa. No entanto, as relações com a nova cultura filosófica, científica e artística implicam desafios bastante aproximados, nos diferentes países, embora não da mesma maneira sobre todas as questões¹⁴.

8. Não há, em termos históricos, modo nenhum de entrar em directo com o *nascimento* do movimento cristão. Temos de recorrer aos documentos canónicos atribuídos aos seus adeptos – os textos do Novo Testamento –, aos documentos atribuídos aos seus adversários, mas sobretudo, àqueles que reflectem o meio social e cultural no qual este *movimento* se desenvolveu¹⁵. Cresce todos os dias a literatura sobre o mundo judaico, mundo plural, e o mundo greco-romano no qual foram recrutados os primeiros adeptos de Jesus intitulado, na obra monumental de John P. Meier, um Judeu Marginal¹⁶. De facto, uma parte dos Judeus vivia na Palestina, mas a maioria vivia fora dela. Excepto os Judeus da Mesopotâmia e da Média, que estavam sobre o domínio dos Partas desde cerca de 250 a.C., todos eles se encontravam dentro das fronteiras do império

¹³ Javier Melloni Ribas, *El Uno en lo Múltiple. Aproximación a la diversidad y unidad de las religiones*, Santander, Sal Terrae, 2003; José Nunes, o.p., *Pequenas comunidades cristãs. O Ondjango e a inculturação em África / Angola*, Porto, UCP, 1991; Raimon Panikkar, *Paz entre as Religiões*, Lisboa, Zéfiro, 2007.

¹⁴ Alain Corbin (dir.), *Histoire du Christianisme*, Paris, Seuil, 2007, 281-454; Hans Küng, *O Cristianismo. Essência e História*, Lisboa, Círculo de Leitores, 2002, 600-815; Martine Sevegrand, *Contribution pour l'avenir du Christianisme*, Paris, Desclée de Brouwer, 2003; Alister Mc Grath, *Deus de Dawkins. Uma contestação notável a alguns dos pressupostos centrais do conflito entre a ciência e a religião de Dawkins*, Lisboa, Aletheia, 2008; Ian G. Barbour, *Religião y ciência*, Madrid, Trotta, 2004; Francis S. Collins, *A Linguagem de Deus*, Lisboa, Presença, 2007; Catherine Grémion / Hubert Touzard, *L'Église et la contraception: l'urgence d'un changement*, Paris, Bayard, 2006; John Polkinghorne, *Ciencia y Teología. Una introducción*, Santander, Sal Terrae, 2000.

¹⁵ Segundo Marguerat, «Notre image du matin de la chrétienté est à recomposer; la tâche ne fait que commencer» in J.-D. Kaestli/D. Marguerat (Éd.), *Le Mystère apocryphe. Introduction à une littérature méconnue*, Genève, 1994, p. 144.

¹⁶ *Jesus, A Marginal Jew*, New York, (4 volumes 1991-2009). Existe trad. port. da Imago, Rio de Janeiro.

romano. Foi no seio do Judaísmo no império romano, tanto na Palestina como na Diáspora, que nasceu e se desenvolveu o cristianismo. No século I A.D., havia numerosas comunidades judaicas no Egipto, na África do Norte (Cirenaica), na Síria, na Ásia Menor, na Grécia e na Itália. Os Judeus pertenciam a todas as camadas sociais e exerciam as profissões mais variadas. Havia entre eles homens livres e escravos, cidadãos romanos – é o caso de S. Paulo (Act 16, 37-39 e 22, 25-29) – e *peregrini* (estrangeiros). Os judeus da Diáspora romana falavam grego. Alguns estavam completamente helenizados. Outros estavam medianamente ou pouco helenizados.

O poder romano reconhecia os judeus como membros da nação judaica e concedia-lhes o direito de se regerem pelas suas próprias leis e de conservarem os seus costumes. Os Judeus podiam organizar-se em associações, sob a autoridade de chefes Judeus eleitos pela própria comunidade. Tinham os seus próprios tribunais, geriam os seus próprios cemitérios, votavam as suas leis próprias¹⁷.

Os cristãos chamam *Novo Testamento* às interpretações cristológicas da Bíblia hebraica que designam, por isso, *Antigo Testamento*. Do ponto de vista religioso e cultural, o meio em que Jesus nasceu, cresceu, pregou e agregou os primeiros discípulos não era constituído só pelo Antigo Testamento. As ideias que circulavam e modelavam o Judaísmo, muito plural, situavam-se também na literatura deuteroacanónica, ou *Apócrifos do Antigo Testamento*¹⁸, embora com designações diferentes. Se queremos conhecer o ambiente social, cultural, político e religioso da intervenção de Jesus, não podemos ignorar os problemas que agitavam o seu tempo nem as categorias de pensamento e acção disponíveis.

Por isso, é atribuída uma grande importância à redescoberta da condição judaica de Jesus. Não é por acaso que a chamada *terceira vaga* de estudos acerca do Jesus histórico – extremamente erudita – está centrada em *Jesus, um judeu* (sobretudo, Sanders, Crossan, Vermès e Meier). Mas, que judeu? Eram muitas as tendências no interior do Judaísmo (saduceus, fariseus, zelotas, essénios, terapeutas, etc.) e não havia uma autoridade central que impusesse qualquer corrente. Tratava-se de uma situação de crise prolongada e foram várias as formas de lhe responder, tanto de movimentos como de personalidades. Se ficarmos, apenas, com o critério de continuidade com o seu contexto vital,

¹⁷ Cf. Francolino Gonçalves, *O Cristianismo no contexto do Judaísmo do Século I*, in *Cadernos ISTA 2*, 1996, pp.6-8

¹⁸ A. Díez Macho (ya fallecido)-A. Piñero, *Apócrifos del Antiguo Testamento*, Madrid, Cristiandad.

podemos descobrir, em Jesus, um judeu da Galileia, mas não ficamos a saber porque é que nenhuma das formas de Judaísmo do seu tempo foi capaz de acolher este personagem. Se a redescoberta da condição judaica de Jesus serve para o inscrever numa continuidade, não explica as suas rupturas, o processo que o levou à cruz nem o nascimento de uma corrente, também plural, mas atribuída, por todos, a Jesus, reconhecido como Cristo, um Messias crucificado, que estava longe de ser o mais plausível.

Como observa um grande investigador português da Escola Bíblica de Jerusalém, «O cristianismo teve por matriz o judaísmo do século I A.D. O facto de que não tardou muito a afirmar-se como uma personalidade própria supõe que o cristianismo não é uma simples cópia do judaísmo de então, mas tem algo de novo. Em que medida o cristianismo continua o judaísmo, inova em relação a ele ou rompe com ele? Formulada nestes termos, a questão das relações entre o cristianismo nascente e o judaísmo é relativamente recente. Talvez por isso mesmo, ela é actualmente um dos temas mais estudados por exegetas do Novo Testamento, por historiadores tanto das origens do cristianismo como das origens do judaísmo rabínico – o outro herdeiro do judaísmo do séc. I A.D. –, por teólogos e especialistas do diálogo entre o cristianismo e o judaísmo¹⁹.

9. *A redescoberta da manhã do cristianismo* e o seu itinerário não é uma tarefa fácil: como é que o rejeitado dá origem a um movimento que teve êxito e um êxito potencialmente universal, alternativa ao judaísmo e ao paganismo?

O historiador deve praticar uma investigação neutra, sob o ponto de vista confessional, sabendo, no entanto, que os principais documentos acerca de Jesus e do movimento que nele se inspirou não são neutros. São, pelo contrário, interpretações e confissões daqueles que deram a sua fé a Jesus de Nazaré e que a vão justificar a partir do Antigo Testamento: *Saiba, portanto, toda a casa de Israel, com certeza: Deus constituiu Senhor a Cristo, a esse Jesus que vós crucificastes* (Act 2, 36).

Esta mensagem não é só para “a casa de Israel”, pois *não há sob o céu outro nome dado aos homens pelo qual devemos ser salvos* (Act 4, 12). Isto tem, segundo os Actos dos Apóstolos, alcance universal, *pois coligaram-se, nesta cidade contra o teu santo servo Jesus, que ungiste, Herodes e Pôncio Pilatos com as nações pagãs e os povos de Israel* (Act 4, 27).

Quando se realça, e com razão, a importância da literatura apócrifa do Antigo Testamento para estudar o mundo que configurou Jesus, o judeu, não se

¹⁹ Francolino J. Gonçalves, *O cristianismo no século I: tradição e inovação*, ISTA 2 (1996) 5-32 (p.5).

pode esquecer que todo o Antigo Testamento foi lido em função, não de Jesus sem mais, mas de Jesus como Messias, como Cristo. É sempre uma leitura cristológica. Daí, como é óbvio, a distinção entre Antigo e Novo Testamento.

Neste sentido, o debate sobre o Jesus da história e o Cristo da fé é inevitável. A questão, nos tempos modernos, foi levantada desde os finais do século XVIII, passou por diversas fases de pesquisa e está longe de ser encerrada. Começou no campo confessional e pertence, desde há muito, a crentes e não crentes.

10. Deparamos, no entanto, com um fenómeno espantoso: sem *devoção* a Jesus²⁰, os escritos do Novo Testamento não teriam nascido. São textos que narram e interpretam uma paixão por alguém que consideram insubstituível: não poderia ser substituído nem por João Baptista, nem por Tiago, nem por Pedro, nem por Paulo ou qualquer outro nome dos textos cristãos. O que é atribuído a Jesus aparece como exclusivo, o *único alicerce* (1Cor 3, 10-11). Esta não é, apenas, uma característica própria dos textos canónicos, também os apócrifos do Novo Testamento – cada vez mais conhecidos e divulgados –, muito posteriores a Paulo e às narrativas evangélicas canónicas, não têm outra referência. Mais ainda: ao longo da história das Igrejas e dos movimentos cristãos, ninguém apareceu para o substituir ou para lhe suceder. É nisto que consiste a fé cristã: a adesão a Jesus Cristo, sejam quais forem as definições que, na história do Cristianismo, foram encontradas para a caracterizar. As definições trinitárias e cristológicas, dos séculos IV e V, ficarão sempre aquém do que pretendem dizer. O seu terminal é sempre o humano e o divino de Cristo e Cristo como o verdadeiro acesso ao mistério de Deus e do mundo.

O cristão de hoje, em relação a essa *devoção* das primeiras gerações, precisa dos textos do Novo Testamento para respeitar a inscrição de Jesus na história, mas o que lhe interessa é o que sempre interessou: *Senhor, a quem iremos? Tens palavras de vida eterna e nós acreditamos e reconhecemos que és o Santo de Deus* (Jo 6, 68-69); *para mim, viver é Cristo* (Fl, 1, 21) ou, como escreveu M. de Certeau: *nunca sem Ti, nunca sem eles*. A *devoção* a Jesus Cristo exprime a descoberta que Deus e o ser humano não cabem em nenhuma das representações que deles se fazem e que é indispensável para viver na verdade profunda da nossa condição. Há *devoção* porque, em mais ninguém, se encontra o amor sem

²⁰ Numa obra de 800 páginas, Larry W. HURTADO (*Señor Jesucristo. La devoción a Jesús en el cristianismo primitivo*, Salamanca, Sígueme, 2008) usa o termo “*devoção*” para se referir às crenças e acções religiosas que exprimem a veneração dos primeiros cristãos por Jesus Cristo. Muito cedo, pelo menos em alguns círculos, há uma clara e programática inclusão de Jesus na vida devocional, como alguém divino.

outro poder do que o excesso do amor, um Deus em humanidade sem poder. Isto não se apresenta como apropriação monopolista do divino ou do humano: *quem crê em mim, fará as obras que faço e fará até maiores que elas* (Jo 14, 12). Jesus estará sempre presente em todas as obras de compaixão, ao longo da história, sejam estas obras de crentes, de agnósticos ou ateus (Mt 25, 31ss). Isto significa que a pergunta que Deus fez, desde os começos, é assumida pelo *Filho do Homem*, até ao fim da História: *Que fizeste do teu irmão?* (Gn 4, 9-12)

Acerca de Sócrates, de Platão, de Aristóteles e de Moisés, etc., interessa conhecer as suas doutrinas e as suas realizações. No caso de Jesus, o que interessa é o que Ele é para Deus e para os outros. As suas intervenções, as suas mensagens, as suas referências estão, em parte²¹, interpretadas e escritas pelos seus amigos. Serão sempre objecto das ciências humanas e não só da teologia. Para o cristão, o que comanda tudo é a adesão a Jesus Cristo vivo, hoje, na inteligência e no coração. Sem a mediação da história, o crente pode resvalar para o fundamentalismo doutrinal, para um emotivismo descontrolado, tomando as fantasias por revelação actual e directa. Sem a experiência actual, expressa nesta pequenina frase – “*eu creio em Ti, Senhor, mas aumenta a minha fé*” – só fica um material de investigação e especulação.

11. Inácio de Antioquia (Século II) parece não precisar, para a sua fé, da mediação de nenhum texto. Para ele, o Cristianismo não é uma religião do Livro como era o Judaísmo rabínico e o será, depois, o Islão: «Para mim, os meus arquivos são Jesus Cristo; os meus arquivos invioláveis são a sua cruz e a sua morte e a sua Ressurreição e a fé que d’Ele vem». No entanto, como já referimos, esta fé produziu, muito rapidamente, não só narrativas orais, mas uma abundância enorme de textos: a Bíblia cristã integra a Bíblia hebraica, interpreta-a em função de Cristo e elabora uma inteligência nova do acontecimento cristão, acontecimento paradoxal que espantava o próprio Paulo e tornava incrível a sua pregação: *Cristo (Messias) crucificado é para os judeus escândalo e para os gentios é loucura, mas para aqueles que são chamados, tanto judeus como gregos, é Cristo (Messias) poder de Deus e sabedoria de Deus (...), pois não quis saber entre vós outra coisa a não ser Jesus Cristo (Messias) e Jesus Cristo (Messias) crucificado* (1ª Coríntios 1, 23; 2, 2).

²¹ Há, porém, muitas outras coisas que Jesus fez e que, se fossem escritas uma por uma, creio que o mundo não poderia conter os livros que se escreveriam (Jo 21, 25). Por que estranhar tantos evangelhos ditos apócrifos?

Aquele que não tem o perfil, a figura do Messias esperado, é o verdadeiro Messias. Vendo bem, é o messianismo que sofre uma revisão radical, escandalosa. Tenha-se, porém, em conta que os textos cristãos não são propostos à veneração. É certo que Paulo anatematiza quem propuser outro Evangelho, mas não quem propuser outra escrita. Jesus não dita um texto. É a sua vida e a sua intervenção que provocam textos, que depois provocarão ainda outros textos, uma escrita e uma interpretação infinitas: *“Paulo, servo de Cristo Jesus, chamado para ser apóstolo, escolhido para o Evangelho de Deus, que ele já tinha prometido por meio dos seus profetas nas Sagradas Escrituras, e que diz respeito a seu Filho, nascido da estirpe de David, segundo a carne, estabelecido Filho de Deus com poder pela sua ressurreição dos mortos, segundo o Espírito de Santidade, Jesus Cristo Nosso Senhor, por quem recebemos a graça e a missão de pregar, para louvor do seu nome, obediência da fé entre todos os gentios, dos quais fazeis parte também vós, chamados por Jesus Cristo, a vós todos que estais em Roma, amados de Deus e chamados à santidade, graça e paz da parte de Deus Nosso Pai e do Senhor Jesus Cristo”* (Carta aos Romanos 1, 1-7).

O autor do IV Evangelho é muito cuidadoso ao dirigir-se aos seus destinatários. Não escreve para que eles venerem o que escreve ou para que tenham devoção à sua obra, mas *“para crerdes que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus, e para que, crendo, tenhais a vida eterna em seu nome”* (João 20, 30-31).

12. Não vou abordar o processo histórico da selecção da Bíblia cristã, hoje, muito estudado²², nem a pouca sorte que tiveram os chamados textos apócrifos e que fazem as delícias, não só de investigadores, como o fecundo Antonio Piñero²³, mas sobretudo do jornalismo sensacionalista.

Interessa-me, no entanto, perceber porque razão se continua a dizer que S. Paulo é o verdadeiro fundador do Cristianismo. Como já notei, isto não me parece exacto. Tudo, no Novo Testamento e em toda a história do Cristianismo, é sempre referido a Cristo, tanto como *logos* da vida como a própria vida que se deixa tocar: João 1; 1ª Carta de João 1, 1-4:

²² J. Treballe, *Bíblia Judia y la Biblia Cristiana. Introducción a la Historia da Biblia*, Madrid, Trotta, 1998; *Introducción a la Crítica Textual del Nuevo Testamento*, Estella, Verbo Divino, 1999.

²³ Antonio Piñero (ed.), *Orígenes del cristianismo. Antecedentes y primeros pasos*, Córdoba, El Almendro, 1991, a que seguiram várias outras obras de teor semelhante comentadas nos seus eruditos e divertidos blogs.

O que existia desde o princípio,
o que ouvimos,
o que vimos com os nossos olhos,
o que contemplámos e as nossas mãos tocaram
relativamente ao Verbo da Vida,
de facto, a Vida manifestou-se;
nós vimo-la,
dela damos testemunho
e anunciamo-vos a Vida eterna
que estava junto do Pai
e que se manifestou a nós -
o que nós vimos e ouvimos,
isso vos anunciamos,
para que também vós estejais em comunhão connosco.
E nós estamos em comunhão com o Pai
e com seu Filho, Jesus Cristo.
E isto vos escrevemos para que a nossa alegria seja completa.

Paulo não deve ter conhecido este texto, mas teve a experiência a que ele se refere. Testemunhou que foi o próprio Cristo, o crucificado/ressuscitado, que lhe surgiu no caminho de Damasco, lhe tirou a cegueira em que andava e lhe abriu, de graça, uma alternativa não só à Lei, ao Templo e às prescrições da sua religião judaica, como aos ritos e prescrições das religiões pagãs. Paulo nasceu de novo e vai pregar que todos, judeus ou gentios, podem nascer de novo. Nesta alternativa *não há judeu nem grego, não há escravo nem livre, não há homem nem mulher* (Carta aos Gálatas 3, 28).

Quando se estuda o emaranhado da religião judaica do seu tempo e a situação em que se encontravam as múltiplas religiões pagãs, pode ter-se a sensação de que Paulo teve êxito porque apresentou um caminho de facilidade: aquilo que os seres humanos procuravam nas religiões, nas filosofias, nas espiritualidades, era-lhes oferecido de graça. Bastava abrir-se na fé, na confiança a esse Deus que ressuscitou o crucificado.

Quem fala de facilidade não sabe o que é mudar de mundo, mudar de mentalidade, mudar de afectos. Para nascer de novo, para ser uma nova criatura, é preciso morrer àquilo em que, antes, se punha toda a confiança: mudar de rumo e de inspiração. Na interpretação cristã, só a graça divina pode fazer esse milagre. No entanto, isto não significa que, naquele tempo e naquele mundo, não houvesse uma grande apetência de outra coisa.

O ritual cristão do Baptismo (Romanos 6, 1-11), da Eucaristia (1ª Coríntios 11, 17-31), da Oração a Cristo [no Espírito: Romanos 8, 26-27] como se fosse um Deus (Carta de Plínio a Trajano, século II) descomplicou, de facto – como

Santo Agostinho notará mais tarde –, o emaranhado das religiões sem, contudo, negar a importância das expressões rituais. Mas não valem por elas. Servem para exprimir a mudança radical de vida (Batismo), a necessidade de se alimentar com o próprio Cristo (Eucaristia) e de se manter aberto e disponível ao desígnio de Deus (Oração).

Tomás de Aquino, que escreveu uma obra monumental, no século XIII, sobre a essência do Cristianismo, acabou por tudo resumir numa pequena frase: «aquilo que há de mais poderoso na lei do Novo Testamento, e no qual consiste toda a sua força, é a graça do Espírito Santo que é dada pela fé em Cristo»²⁴. Esta é a lei do amor e da liberdade como, depois, explica. É também ele que, ao comentar o dito lapidar de Paulo, *a lei mata, o Espírito vivifica* (2ª Coríntios 3, 6), sustenta que a própria letra do Evangelho, lida sem o Espírito de Cristo, não vivifica, mata.

13. Quando se diz, como E.P. Sanders²⁵, que Paulo fez uma terceira saída para a história de judeus e gentios, é preciso responder porquê. O que é que Paulo *encontrou* e que não tinha encontrado nem no judaísmo do seu tempo nem no paganismo? O que é que Paulo *propunha* que não existia nem no judaísmo nem no paganismo do seu tempo? Paulo propunha o que tinha encontrado: Jesus Cristo, o condenado que Deus ressuscitou, mostrando que o caminho certo era o de Jesus e não o daqueles que o levaram à crucifixão e aos quais ofereceu, na cruz, a vida: morreu com o mundo vivo no seu perdão (Lucas 23, 34).

14. É legítimo falar de Cristianismo e de Cristianismos. A situação actual, referida no nº 1 e 2 deste texto, mostra-o de forma evidente. Não admira. Jesus Cristo não deixou nada escrito nem mandou escrever nada. Não é possível impor um texto em nome dele. Como vimos, o Cristianismo não é uma religião do Livro.

Os textos do Novo Testamento são plurais, de comunidades muito diferentes, de origem judaica e pagã. Todos os esforços de unidade nunca conseguiram suprimir essa diversidade. A própria história dos Concílios Ecuménicos²⁶ e os esforços do Movimento Ecuménico²⁷ revelam, não só a tensão permanente entre unidade e pluralidade, mas até as dificuldades insuperadas de reconciliação.

²⁴ *Summa Theologiae* I-II q. 106, a.1: *Id autem quod est potissimum in lege novi testament, et in quo tota virtus eius consistit, est gratia Spiritus Sancti, quae datur Christi fidelibus.*

²⁵ E. P. Sanders, *A verdadeira história de Jesus*, Lisboa, Editorial Notícias, 2004.

²⁶ Giuseppe ALBERIGO (org.), *História dos Concílios Ecuménicos*, São Paulo, Paulus, 1995

²⁷ Nicholas LOSSKY, etc., *Dicionário do Movimento Ecuménico*, Petrópolis, Vozes, 2005

No entanto – foi o trabalho deste texto –, há uma referência, uma fé com muitas expressões, em todos os cristãos e suas comunidades, que fazem de todos os Cristianismos um Cristianismo. Por isso, por mais fundamental que seja a questão do Jesus histórico²⁸, o que em última análise interessa é o facto de ter sido reconhecido e continuar a ser reconhecido como Cristo, como Filho de Deus, como fonte de vida e de alegria. Enquanto alguém disser, *para mim, viver é Cristo* e, ao dizer isso, vir n'Ele a abertura para o Deus de todos e para a humanidade de todos, o Cristianismo terá futuro.

²⁸ Michel Quesnel, *Jesus o Homem e o Filho de Deus*, Lisboa, Gradiva, 2005; E. P. Sanders, *A verdadeira história de Jesus*, Lisboa, Editorial Notícias, 2004; John P. Meier, *Um Judeu Marginal. Repensando o Jesus histórico*, 4 Volumes, Rio de Janeiro, Imago, 1993; Gerd Theissen / Annette Merz, *O Jesus Histórico. Um Manual*, São Paulo, Loyola, 2002; L. Michael White, *De Jesús al cristianismo. El Nuevo Testamento y la fe cristiana: un proceso de cuatro generaciones*, Estella (Navarra), EVD, 2007; Joachim Gnilka, *Jesus de Nazaré*, Lisboa, Presença, 1999; Ernest Renan, *A Vida de Jesus*, Lisboa, Livros de Vida, 2005; Charles Perrot, *Jésus*, Paris, PUF, 1998; John D. Crossan / Jonathan L. Reed, *Jesús desenterrado*, Barcelona, Crítica, 2006; José Antonio Pagola, *Jesús. Uma abordagem histórica*, Coimbra, Gráfica de Coimbra 2, 2008.

